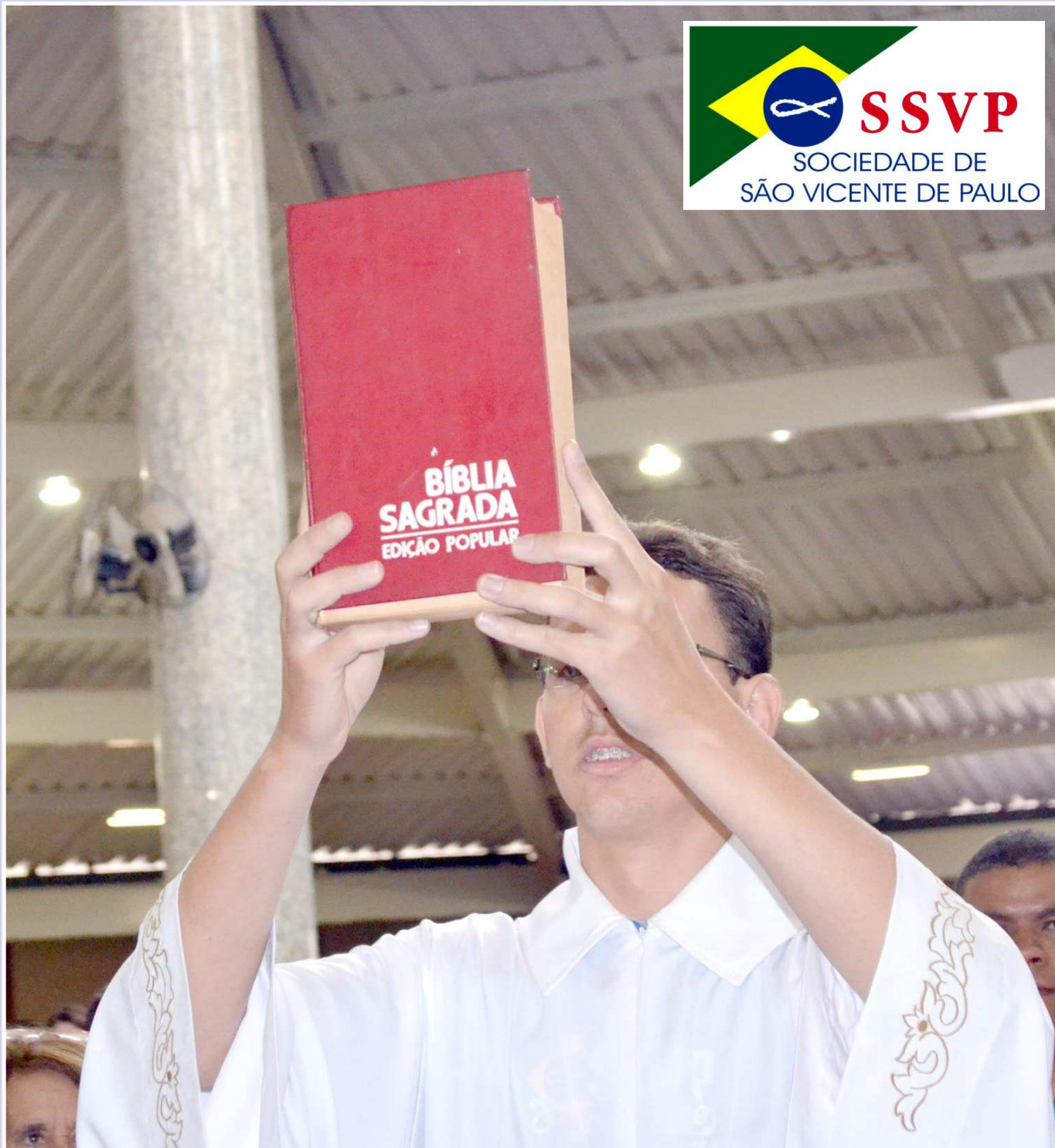


ESPECIAL:

estudo bíblico vicentino

Setembro/outubro/novembro de 2018

Crédito: Tatielle Oliveira



Para ler, compartilhar e agir

Em uma proposta de fomentar a espiritualidade entre os confrades e consócias da área do Conselho Metropolitano de Formiga, o Departamento de Comunicação (Decom) publica um anexo ao jornal COMUNICAÇÃO Vicentina, com comentários relacionando as leituras bíblicas semanais ao cotidiano da Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP).

Os textos são de autoria do confrade Eduardo Marques de Almeida, um confrade brasileiro que mora na Nicarágua, e contribui na formação do Conselho Geral Internacional (CGI).

São breves reflexões que impelem à caridade e aos demais compromissos cristãos. Elas devem ser lidas em reuniões de Conferências e Conselhos, animando a caminhada vicentina no serviço aos Pobres.



Samuel Godoy

Confrade Eduardo Marques de Almeida

Semana de 17 de setembro de 2018 (referência: leituras do domingo 23 de setembro)

25º. Domingo do Tempo Comum

Leituras: Sab 2,12.17-20; Tiago 3,16-4,3; Mc 9,30-37

“A sabedoria que vem do alto é pura, pacífica, compreensiva e generosa, cheia de misericórdia e de boas obras, imparcial e sem hipocrisia.”

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, Jesus e os seus discípulos caminhavam através da Galileia,

mas Ele não queria que ninguém o soubesse; porque ensinava os discípulos, dizendo-lhes:

«O Filho do homem vai ser entregue às mãos dos homens e eles vão matá-Lo;

mas Ele, três dias depois de morto, ressuscitará».

Os discípulos não compreendiam aquelas palavras e tinham medo de O interrogar.

Quando chegaram a Cafarnaum e já estavam em casa, Jesus perguntou-lhes:

«Que discutíeis no caminho?»

Eles ficaram calados, porque tinham discutido uns com os outros sobre qual deles era o maior.

Então, Jesus sentou-Se, chamou os Doze e disse-lhes:

«Quem quiser ser o primeiro será o último de todos e o servo de todos».

E, tomando uma criança, colocou-a no meio deles, abraçou-a e disse-lhes:

«Quem receber uma destas crianças em meu nome é a Mim que recebe;

e quem Me receber não Me recebe a Mim, mas Àquele que Me enviou».

Reflexão vicentina

O tema da reflexão desta semana é o relacionamento entre nós, consócias e confrades vicentinos.

Como apoio a esta reflexão, as leituras fazem uma comparação entre a “sabedoria de Deus” e a “sabedoria do mundo”.

No Evangelho, os discípulos estão preocupados com “quem deve ser o maior entre eles”, porque são movidos ainda pelo que o mundo exige deles. Jesus, ao contrário, apoiado na lógica de Deus, aceita o projeto do Pai e faz da sua vida um dom de amor aos homens. Ele reforça o conceito de que só há um lugar para os que querem fazer parte da comunidade cristã e que este não é o lugar dos maiores ou dos menores, mas daqueles que escutam os desafios

de Deus e aceitam fazer da vida um serviço aos irmãos, particularmente aos humildes, aos pequenos, aos pobres. Repare que Jesus não diz que ser cristão é “esconder” os seus dons que Deus nos dá de graça, mas, ao contrário, é por estes dons a serviço dos outros.

Na segunda leitura, São Tiago indica claramente que a “sabedoria do mundo” gera violência, divisões, conflitos, infelicidade e morte. E a primeira leitura vai um pouco mais além, dizendo que a “sabedoria de Deus” (a do serviço), provoca ódio, inveja e perseguição dos outros e o conseqüente sofrimento para os que abraçam a coerência da vida em Deus. Nas leituras da semana passada, Cristo reforça este ponto ao dizer que “se alguém quiser seguir-Me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me” (Mc 8,27-35).

Será que, às vezes, na SSVP, não adotamos o comportamento dos apóstolos e queremos ser “maiores” do que os outros, muitas vezes mesmo “a qualquer custo”? Escutamos estórias sobre vicentinos que fizeram campanhas ou “acordos” para alcançar cargos na Sociedade. De fato, ser presidente de conselhos, pode trazer status, acesso a viagens, ou a possibilidade de gerenciar muitos recursos. A tentação para fazer uma “carreira vicentina” é muito grande!

Ozanam mostrou uma opção completamente diferente. Talvez porque tinha sido fundador da SSVP, talvez porque tinha uma carreira profissional brilhante (e não necessitasse utilizar a Sociedade como status), talvez porque compreendesse profundamente o sentido do Evangelho do “serviço aos outros”, ou talvez porque queria dar um exemplo aos outros, nunca quis ser presidente do Conselho Geral Internacional. Acho que sua opção foi resultado de todas estas virtudes.

Isto não significa que não devamos aceitar cargos de liderança na SSVP, quando somos necessários! Milhares de vicentinos santos, começando por Bailly, aceitaram estes encargos. Mas aceitaram como doação e não como promoção pessoal. Ser um vicentino comprometido com o serviço humilde e genuíno aos nossos confrades e consócias é abraçar a santidade na mesma intensidade que servir aos pobres, nossos senhores e mestres!

Semana de 24 de setembro de 2018 (referência: leituras do domingo 30 de setembro)

26º. Domingo do Tempo Comum

Leituras: Nm 11,25-29; Tg 5,1-6; c 9,38-43.45-47-48

Quem não é contra nós é por nós.

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, João disse a Jesus:

«Mestre, nós vimos um homem a expulsar os demônios em teu nome

e procurámos impedir-lhe, porque ele não anda co-

nosco».

Jesus respondeu:

«Não o proibais; porque ninguém pode fazer um milagre em meu nome e depois dizer mal de Mim.

Quem não é contra nós é por nós.

Quem vos der a beber um copo de água, por serdes de Cristo,

em verdade vos digo que não perderá a sua recompensa.

Se alguém escandalizar algum destes pequeninos que creem em Mim,

melhor seria para ele que lhe atassem ao pescoço uma dessas mós movidas pró um jumento e o lançassem ao mar.

Se a tua mão é para ti ocasião de escândalo, corta-a; porque é melhor entrar mutilado na vida

do que ter as duas mãos e ir para a Geena, para esse fogo que não se apaga.

E se o teu pé é para ti ocasião de escândalo, corta-o; porque é melhor entrar coxo na vida

do que ter os dois pés e ser lançado na Geena.

E se um dos teus olhos é para ti ocasião de escândalo, deita-o fora;

porque é melhor entrar no reino de Deus só com um dos olhos

do que ter os dois olhos e ser lançado na Geena, onde o verme não morre e o fogo não se apaga».

REFLEXÃO VICENTINA

As leituras deste domingo tratam de dois assuntos que se ligam no final. O primeiro é o significado de profetizar. O segundo é o da escolha radical pela justiça. Os dois temas têm muito a ver com a vocação vicentina e estão no fundamento e no início das Conferências.

O profeta é um mensageiro. Tanto no Livro dos Números, quanto no Evangelho de Marcos, questiona-se quem tem direito a ser profeta. O jovem discípulo de Moisés e João, o discípulo de Jesus, fecham-se ao ritualismo de que só pode ser profeta quem faz parte da comunidade de escolhidos. Tanto Moisés (em Números) quanto Jesus (em Marcos) apresentam uma visão muito mais libertadora, mais misericordiosa. Eles dizem que não devemos julgar os profetas e considera-los falsos de início: é preciso deixar que eles mostrem se são “por Deus” ou “contra Deus”.

Tiago afirma categoricamente que o rico não se salva. Mas ser rico – neste contexto - para Tiago não é somente ter dinheiro. Podemos ter dinheiro e ser salvos! Tiago explica que o rico que não se salva é o que trata o empregado de forma injusta, é o que leva “na terra uma vida regalada e libertina” e é o que condena e mata o justo. No Evangelho, Jesus é ainda mais radical: Ele manda simbolicamente “cortar a mão ou o pé” se eles são causa de escândalo. Segundo Ele, é melhor entrar no céu sem a mão ou o pé, ou seja, sem o vício, sem a injustiça, sem a vida libertina e sem matar o justo - em última instância, sem ser rico - do que perder a salvação.

O vicentino tem a obrigação de profetizar. A primeira Conferência (a “de História”) foi criada no meio acadêmico para defender a Igreja dos ataques dos profetas que eram “contra Deus”. Ozanam aprendia da visita ao Pobre (o seu mestre), transformava a si mesmo (convertia-se) e levava o ensinamento do Pobre aos outros (profetizava). Mas ele não era um falso profeta, porque tinha uma vida completamente consistente: pregava o que vivia e vivia o que aprendia na casa do Pobre. Portanto, ele aprendia do próprio Cristo que estava presente no sacrário da pobreza.

O vicentino também é coerente na sua vida de trabalho e na vida social. Aprendendo da visita ao Pobre, ele decide sempre pela justiça em tudo o que faz: respeita o que trabalha para ele como verdadeiro Filho de Deus, vive uma vida regrada e virtuosa e, sobretudo, jamais mata o justo. Pelo contrário, o vicentino eleva, protege e cativa o justo, porque a justiça está no centro da vocação vicentina.

Semana de 1 de outubro de 2018 (referência: leituras do domingo 7 de outubro)
27º. Domingo do Tempo Comum
Leituras: Gn 2,18-24; Heb 2,9-11; Mc 10,2-16

“O homem deixará pai e mãe para se unir à sua esposa, e os dois serão uma só carne.”

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, aproximaram-se de Jesus uns fariseus para O porem à prova e perguntaram-Lhe: «Pode um homem repudiar a sua mulher?»

Jesus disse-lhes: «Que vos ordenou Moisés?»

Eles responderam: «Moisés permitiu que se passasse um certificado de divórcio, para se repudiar a mulher».

Jesus disse-lhes: «Foi por causa da dureza do vosso coração que ele vos deixou essa lei.

Mas, no princípio da criação, Deus fê-los homem e mulher.

Por isso, o homem deixará pai e mãe para se unir à sua esposa, e os dois serão uma só carne’.

Deste modo, já não são dois, mas uma só carne. Portanto, não separe o homem o que Deus uniu».

Em casa, os discípulos interrogaram-No de novo sobre este assunto.

Jesus disse-lhes então: «Quem repudiar a sua mulher e casar com outra, comete adultério contra a primeira.

E se a mulher repudiar o seu marido e casar com outro, comete adultério».

Apresentaram a Jesus umas crianças para que Ele lhes tocasse, mas os discípulos afastavam-nas.

Jesus, ao ver isto, indignou-Se e disse-lhes: «Deixai vir a Mim as criancinhas, não as estorveis:

o reino de Deus é daqueles que são como elas.

Em verdade vos digo: Quem não acolher o reino de Deus como uma criança, não entrará nele».

E, abraçando-as, começou a abençoá-las, impondo a mão sobre elas.

REFLEXÃO VICENTINA

O tema das leituras deste domingo é o amor total.

Na primeira leitura (do Gênesis), está claro que Deus criou o homem e a mulher para se completarem, para se ajudarem, para se amarem. Unidos pelo amor, o homem e a mulher formam “uma só carne, o que implica viverem em comunhão total um com o outro, dando-se um ao outro, partilhando a vida um com o outro, unidos por um amor que é mais forte do que qualquer outro vínculo. O Evangelho diz exatamente a mesma coisa e, inclusive, recupera o texto do Gênesis: “o homem deixará pai e mãe para se unir à sua esposa, e os dois serão uma só carne”.

São Paulo, na segunda leitura trata faz um paralelo deste amor integral, indissolúvel e incondicional, mostrando que é o mesmo que Deus tem pela humanidade. Um amor tão intenso que enviou seu Filho único para sofrer e morrer por ela. Ele diz especificamente: “Aquele que santifica e os que são santificados procedam todos de um só”, portanto, são uma só carne.

A mensagem para nós, vicentinos é clara. São Vicente nos diz que os pobres são nossos mestres e senhores. Mestres porque nos ensinam e senhores porque somos seus servos. O amor que ele pede de nós pelos pobres é semelhante ao amor que o homem e a mulher desenvolvem e ao que Deus tem pela humanidade: ser uma só carne, sofrer os mesmos sofrimentos, compartilhar profundamente as mesmas dificuldades.

Se Deus está em particular nos pobres e se nós temos este amor de esposo para com eles, então os pobres, além de ser nossos mestres e senhores, são também o nosso caminho de santificação. Amar os pobres profundamente é conhecer o amor de Deus já aqui nesta vida, sem ter que esperar a eterna.

Semana de 8 de outubro de 2018 (referência: leituras do domingo 14 de outubro)
28º. Domingo do Tempo Comum
Leituras: Sab 7,7-11; Heb 4,12-13; Mc 10,17-30

“Vai vender o que tens, dá o dinheiro aos pobres, e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-Me».

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, ia Jesus pôr-Se a caminho, quando um homem se aproximou correndo, ajoelhou diante d'Ele e Lhe perguntou: «Bom Mestre, que hei de fazer para alcançar a vida eterna?»

Jesus respondeu: «Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão Deus.

Tu sabes os mandamentos: 'Não mates; não cometas adultério; não roubes; não levantes falso testemunho;

não cometas fraudes; honra pai e mãe'».

O homem disse a Jesus: «Mestre, tudo isso tenho eu cumprido desde a juventude».

Jesus olhou para ele com simpatia e respondeu: «Falta-te uma coisa: vai vender o que tens,

dá o dinheiro aos pobres, e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-Me».

Ouvindo estas palavras, anuviou-se o seu semblante e retirou-se pesaroso, porque era muito rico.

Então Jesus, olhando à volta, disse aos discípulos:

«Como será difícil para os que têm riquezas entrar no reino de Deus!»

Os discípulos ficaram admirados com estas palavras.

Mas Jesus afirmou-lhes de novo: «Meus filhos, como é difícil entrar no reino de Deus!

É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus».

Eles admiraram-se ainda mais e diziam uns aos outros: «Quem pode então salvar-se?»

Fitando neles os olhos, Jesus respondeu: «Aos homens é impossível, mas não a Deus, porque a Deus tudo é possível».

Pedro começou a dizer-Lhe: «Vê como nós deixámos tudo para Te seguir».

Jesus respondeu: «Em verdade vos digo: Todo aquele que tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou terras, por minha causa e por causa do Evangelho,

receberá cem vezes mais, já neste mundo, em casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e terras, juntamente com perseguições, e, no mundo futuro, a vida eterna».

Reflexão vicentina

A palavra-chave da liturgia deste domingo é “opção”.

Nós vivemos fazendo escolhas, opções, tomando decisões. Em particular, nossas opções se colocam entre opostos: entre o bem e o mal, a virtude e o vício, a conversão total e a inércia. E Deus nos fez assim, para que sejamos livres: liberdade significa ter opções!

A primeira leitura é um “hino à sabedoria”. O verdadeiro “sábio” é aquele que escolhe escutar as propostas de Deus, aceitar os seus desafios, seguir os caminhos que Ele indica. O Evangelho apresenta-nos um homem que quer conhecer o caminho para alcançar a vida eterna. É como acontece conosco quando temos dúvida: buscamos alguém para nos ajudar na tomada de decisão, mas sempre esperamos que esse alguém confirme que o que estamos fazendo é correto. Jesus faz uma provocação, convidando-o a renunciar às suas riquezas e a escolher “caminho do Reino” – caminho de partilha, de solidariedade, de doação, de amor. Enfim, a fazer uma escolha total e integral por Deus. Na realidade, Jesus não está preocupado com o valor dos seus bens que ele daria aos pobres, mas com o seu comportamento, com a sua intenção, com a sua escolha e, em última análise, com a sua conversão.

Na segunda leitura, São Paulo reforça que, quando buscamos a Deus, não encontraremos uma mensagem de inércia, de continuar como estamos. A resposta de Deus é firme, transformadora e renovadora, “mais cortante que uma espada de dois gumes: ela penetra até ao ponto de divisão da alma e do espírito”.

O vicentino, como qualquer ser humano, também faz escolhas, entre o bem e o mal, a virtude e o vício, a conversão total e a inércia. Quantas vezes temos que escolher entre a visita ao assistido e um outro evento mais “mundanamente interessante”! A vocação vicentina é uma escolha para levar uma vida melhor aos mais pobres que não têm as mesmas opções que nós. Prover ao Pobre opções é a forma verdadeira de Lhe dar dignidade.

Ser vicentino é ir aprendendo dos Pobres, nossos Mestres, a sabedoria de Deus, para que saibamos e tenhamos força para escolher sempre por Ele e para Ele.

Semana de 15 de outubro de 2018 (referência: leituras do domingo 21 de outubro)
29º. Domingo do Tempo Comum
Leituras: Is 53,10-11; Heb 4,14-16; Mc 10,35-45

“Quem entre vós quiser tornar-se grande, será vosso servo, e quem quiser entre vós ser o primeiro, será escravo de todos.”

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, Tiago e João, filhos de Zebedeu, aproximaram-se de Jesus e disseram-Lhe:

«Mestre, nós queremos que nos faças o que Te vamos pedir».

Jesus respondeu-lhes: «Que quereis que vos faça?»

Eles responderam: «Concede-nos que, na tua glória, nos sentemos um à tua direita e outro à tua esquerda».

Disse-lhes Jesus: «Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que Eu vou beber

e receber o batismo com que Eu vou ser batizado?»

Eles responderam-Lhe: «Podemos».

Então Jesus disse-lhes: «Bebereis o cálice que Eu vou beber e sereis batizados com o batismo com que Eu vou ser batizado. Mas sentar-se à minha direita ou à minha esquerda

não Me pertence a Mim concedê-lo; é para aqueles a quem está reservado».

Os outros dez, ouvindo isto, começaram a indignar-se contra Tiago e João.

Jesus chamou-os e disse-lhes: «Sabeis que os que são considerados como chefes das nações exercem domínio sobre elas e os grandes fazem sentir sobre elas o seu poder.

Não deve ser assim entre vós: quem entre vós quiser tornar-se grande, será vosso servo,

e quem quiser entre vós ser o primeiro, será escravo de todos;

porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir

e dar a vida pela redenção de todos».

REFLEXÃO VICENTINA

As leituras deste domingo tratam do tema “liderança”. Todos nós queremos ser líderes de algo: de nosso trabalho, de nossos grupos de referência, de nossos projetos sociais, de nossa família, da Sociedade de São Vicente de Paulo. E isto é bom porque fazendo assim, podemos seguir os planos de Deus para nós. Ser líder não significa querer ser melhores do que os outros, mas também não significa se deixar levar pelos outros.

Fala-se muito hoje em dia do “líder servidor”, daquele que serve a todos. Jesus vem dar uma nova interpretação a este termo. Ser líder servidor não é, necessariamente, fazer o que todos querem que façamos. No Evangelho, Ele faz uma pergunta intrigante: “podeis beber o cálice que Eu vou beber e receber o batismo com que Eu vou ser batizado?”

Ser líder servidor significa, portanto, beber do cálice que Ele bebeu, ou seja, é servir à Sua causa de salvação

nossa e dos que estão junto de nós (os que Deus nos coloca no caminho). Não queremos ser líderes servidores só para ser populares, ou para nos “diminuir” diante de todos. Queremos ser líderes servidores para estar mais junto de Deus, da missão de Jesus no mundo. Não queremos ser líderes servidores, tampouco, para “sentar à direita de Deus”, como pedem os apóstolos no Evangelho. Esta decisão cabe a Deus e não a nós. Mas, como Deus é o Pai Misericordioso, se demonstramos uma intenção genuína de “beber do cálice de Cristo”, certamente nos colocará junto Dele, tanto aqui na terra, quanto na vida eterna.

A dificuldade é saber o que significa “beber do cálice de Cristo” em nossa vida, nas circunstâncias específicas de cada um de nós (no trabalho, nos grupos de referência, nos projetos sociais, na nossa família e na SSV). É aí que entra a segunda leitura do domingo quando São Paulo diz aos Hebreus: “permanecemos firmes na profissão da nossa fé. (...) Vamos, portanto, cheios de confiança ao trono da graça, a fim de alcançarmos misericórdia e obtermos a graça de um auxílio oportuno”.

Tenhamos fé e coloquemos nossas fraquezas e dificuldades de liderança nas mãos de Deus, porque Ele nos mostrará, no momento oportuno, o que quer de cada um de nós. Pode ser que (como São Vicente de Paulo e o Beato Ozanam), Ele nos mostre em um momento de contemplação ao Santíssimo Sacramento ou em uma visita ao Pobre, nosso Mestre, ou em uma caminhada, ou em um momento de descanso. O Espírito Santo nos mostrará no momento oportuno. Basta que, como líderes servidores, nos tomemos líderes místicos e queiramos escutar o que, no fundo de nosso coração, Ele nos indique o que devemos sonhar, planejar, decidir e empreender.

Semana de 22 de outubro de 2018 (referência: leituras do domingo 28 de outubro)
30º. Domingo do Tempo Comum
Leituras: Jer 31,7-9; Heb 5,1-6; Mc 10,46-52

“Que queres que Eu te faça?” O cego respondeu-Lhe: “Mestre, que eu veja”.
Jesus disse-lhe: “Vai: a tua fé te salvou”.
Logo ele recuperou a vista e seguiu Jesus pelo caminho.

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, quando Jesus ia a sair de Jericó com os discípulos e uma grande multidão, estava um cego, chamado Bartimeu, filho de Timeu, pedindo esmola à beira do caminho.

Ao ouvir dizer que era Jesus de Nazaré que passava, começou a gritar:

«Jesus, Filho de David, tem piedade de mim».

Muitos repreendiam-no para que se calasse.

Mas ele gritava cada vez mais: «Filho de David, tem piedade de mim».

Jesus parou e disse: «chamai-o».

Chamaram então o cego e disseram-lhe: «Coragem! Levanta-te, que Ele está a chamar-te».

O cego atirou fora a capa, deu um salto e foi ter com Jesus. Jesus perguntou-lhe:

«Que queres que Eu te faça?» O cego respondeu-Lhe: «Mestre, que eu veja».

Jesus disse-lhe: «Vai: a tua fé te salvou».

Logo ele recuperou a vista e seguiu Jesus pelo caminho.

Reflexão vicentina

As leituras deste domingo continuam no tema da semana passada: a liderança mística e servidora. Na semana passada, Jesus nos pergunta: “podeis beber o cálice que Eu vou beber?”. E São Paulo disse aos Hebreus que se permanecermos na fé, obteremos “a graça de um auxílio oportuno”. A nossa missão de líderes e de servidores depende do que Deus quer de cada um de nós, pessoal e individualmente.

Neste domingo, o cego não se inibe com o fato de ninguém querer que ele chegasse perto de Jesus. Ele grita forte: “Filho de David, tem piedade de mim!” Como em outros casos, Jesus manda chamar os “excluídos” que O chamam com força, com fé, como um “escolhido de entre os homens”, segundo as palavras de São Paulo aos Hebreus da segunda leitura.

Interessante que, como em outros casos também, Jesus não diz diretamente ao cego o que ele tinha que fazer. Ele usa uma lógica socrática e pergunta ao cego: “que queres que Eu te faça?”. Parece uma pergunta desnecessária: o que pode querer um cego que Jesus faça? Evidentemente que é curá-lo, recuperar-lhe a vista. Mas Jesus pergunta assim mesmo, porque Ele quer ver a real intenção do cego, o que está no seu íntimo e não o que está óbvio nos seus olhos. Da mesma forma, Jesus nos pergunta todo o tempo, a cada instante, o que queremos que Ele faça: é a nossa opção livre de segui-Lo ou não.

Jesus percebe que o cego queria ver sim, mas não era simplesmente ver as coisas do mundo. Repare que ele chama Jesus por “Mestre!”. Ele diz: “mestre, que eu veja!” O cego queria que o Mestre lhe ensinasse a missão que ele deveria seguir, se ele pudesse ver. E Jesus diz uma frase belíssima: “vai: a tua fé te salvou!” Como se dissesse: “você já enxergou mesmo antes de ver, agora, Eu lhe dou a capacidade para ser meu servidor, através da visão”. A partir daquele momento de cura, o cego seguiu incondicionalmente a Jesus.

Está muito claro que, para nós vicentinos, Jesus faz constantemente a mesma pergunta que fez ao cego. Para que enxerguemos a Jesus e O sigamos, também nós devemos perguntar ao Pobre, nosso Mestre: “que queres que eu te faça”, mesmo que a resposta desta pergunta seja óbvia. Com certeza, aprenderemos com a resposta do Pobre, o que Jesus quer que façamos para Ele (o Pobre) e para nós.

Semana de 29 de outubro de 2018 (referência: leituras do domingo 4 de novembro)
31º. Domingo do Tempo Comum
Leituras: Dt 6,2-6; Heb 7,23-28; Mc 12,28-34

“Deus é único e não há outro além d’Ele. Amá-Lo com todo o coração, com toda a inteligência e com todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo, vale mais do que todos os holocaustos e sacrifícios.”

Leitura do Santo Evangelho segundo São Marcos

Naquele tempo, aproximou-se de Jesus um escriba e perguntou-Lhe:

“Qual é o primeiro de todos os mandamentos?” Jesus respondeu:

“O primeiro é este: ‘Escuta, Israel: O Senhor nosso Deus é o único Senhor.

Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças’.

O segundo é este: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’. Não há nenhum mandamento maior que estes.”

Disse-Lhe o escriba: “Muito bem, Mestre! Tens razão quando dizes:

Deus é único e não há outro além d’Ele.

Amá-Lo com todo o coração, com toda a inteligência e com todas as forças,

e amar o próximo como a si mesmo, vale mais do que todos os holocaustos e sacrifícios.”

Ao ver que o escriba dera uma resposta inteligente, Jesus disse-lhe: “Não estás longe do reino de Deus”.

E ninguém mais se atrevia a interrogá-Lo.

REFLEXÃO VICENTINA

A palavra das leituras deste domingo é “amor”. Santo Agostinho dizia: “ama e faz o que quiseres. Se calares, calarás com amor; se gritares, gritarás com amor; se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos”.

A mensagem é clara no Evangelho: “Deus é único e não há outro além d’Ele. Amá-Lo com todo o coração, com toda a inteligência e com todas as

forças, e amar o próximo como a si mesmo, vale mais do que todos os holocaustos e sacrifícios.” O amor a Deus não pode se dissociar do amor ao próximo como o amor a si mesmo. Aqui, o menosprezo de “holocaustos e sacrifícios” não significa que não devamos fazer sacrifícios, jejuns e abstinências pelo próximo. Era uma indicação clara aos judeus daquela época: deveriam substituir o “sacrifício aos ídolos”, usando animais, pelo sacrifício do amor, pela doação de si mesmos.

Em outras reflexões, apresentamos o conceito do “si mesmo” da psicologia. Concluímos que o “si mesmo” (ou “self” na linguagem de Jung) é Deus que está dentro de nós, no fundo do nosso ser, de nossa mente, de nosso corpo: é o Espírito Santo que nos fala quando O chamamos, quando queremos percebê-Lo, quando queremos escutá-Lo.

Não podemos amar o próximo sem conhecer e amar a nós mesmos. Porque o próximo é o espelho de Deus que está dentro de nós. Nossa forma de amar o outro é única, não há igual, porque é a projeção da visão que temos de Deus em nós mesmos. Por isso, Jesus recorda no Evangelho o mandamento do amor do Antigo Testamento nestes termos: “amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças”.

Esta é também a razão pela qual São Vicente insistia tanto na necessidade de que nos aproximemos do Pobre, tomando-O como nosso Mestre e Senhor, com todo o nosso ser. A relação que o vicentino tem com o Pobre é única e é a projeção de Deus que está em cada um de nós. A forma de trabalho da Conferência Vicentina é sábia: por tradição, a família assistida deve ser visitada por mais de um membro da conferência, de forma alternada (cada semana, um vicentino diferente visita a mesma família). Isto, porque a minha forma de amar a família assistida é diferente da forma como o meu confrade ou consocia da minha Conferência ama a mesma família. Cada um de nós aprende de forma diferente do nosso “Mestre”, a melhor melhor forma servi-Lo como nosso “Senhor” (usando as expressões de São Vicente).

Assim também é a nossa relação com Deus: é única. Expressar o amor por Deus é uma tarefa de muita oração, penitência e amor ao próximo. O Livro do Deuteronômio diz isto claramente: “Temerás o Senhor, teu Deus, todos os dias da tua vida, cumprindo todas as suas leis e preceitos que hoje te ordeno, para que tenhas longa vida, tu, os teus filhos e os teus netos.” Conseguir identificar e seguir o plano de Deus para nós é uma graça que devemos pedir todos os dias! Esta graça permite que todos – nós e a nossa descendência – possamos alcançar a “vida longa”, a vida eterna ainda

neste mundo.

Semana de 5 de novembro de 2018 (referência: leituras do domingo 11 de novembro)

32º. Domingo do Tempo Comum

Leituras: 1 Re 17,10-16; Heb 9,24-28; Mc 12,38-44

“Esta pobre viúva colocou na caixa mais do que todos os outros. Eles puseram o que lhes sobrava, mas ela, na sua pobreza, ofereceu tudo o que tinha, tudo o que possuía para viver”.

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, Jesus ensinava a multidão, dizendo:

«Acautelai-vos dos escribas, que gostam de exibir longas vestes, de receber cumprimentos nas praças,

de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes.

Devoram as casas das viúvas com pretexto de fazerem longas rezas.

Estes receberão uma sentença mais severa».

Jesus sentou-Se em frente da arca do tesouro observando como a multidão deixava o dinheiro na caixa.

Muitos ricos deixavam quantias avultadas.

Veio uma pobre viúva e depositou duas pequenas moedas, isto é, um quadrante.

Jesus chamou os discípulos e disse-lhes: «Em verdade vos digo:

Esta pobre viúva colocou na caixa mais do que todos os outros.

Eles puseram o que lhes sobrava, mas ela, na sua pobreza, ofereceu tudo o que tinha,

tudo o que possuía para viver».

REFLEXÃO VICENTINA

As leituras deste domingo apresentam duas viúvas: uma no Antigo e outra no Novo Testamento. A do livro dos Reis é uma mulher pobre de Sarepta, que, apesar da sua pobreza, reparte com o profeta Elias os poucos alimentos que tem. A mulher do Evangelho é igualmente pobre e doa ao templo pouco, mas é tudo o que tem. No Antigo Testamento e no tempo de Jesus, as viúvas era dignas de pena, porque não possuíam um esposo para trabalhar para elas e para os seus filhos.

À primeira vista, parecem leituras que falam sobre a caridade. De fato, a doação do pouco que têm para os outros é uma manifestação de um coração caridoso que se compadece dos outros e compartilha sua pobreza com eles. Olhando um pouco mais à fundo nos textos, entendemos que eles falam sobre outra virtude teológica: a da fé. A viúva de Sarepta dá o que tem porque o profeta Elias lhe diz que o Deus de Israel afirmou pelas

escrituras que compartilhar o pão levaria à fartura. A viúva do Evangelho deposita no templo o pouco que tinha como uma manifestação de sua crença de que estava compartilhando seu pouco com Deus.

São Paulo, na Carta aos Hebreus, apresenta um paralelo a estas “doações de fé”. Ele diz que Cristo foi o doador por excelência, porque doou o seu próprio corpo em sacrifício por toda a humanidade. E pede que creiamos que esta doação foi apenas a Sua primeira vinda: muito mais importante é crer na Sua segunda vinda. Ele diz: “Cristo, depois de Se ter oferecido uma só vez para tomar sobre Si os pecados da multidão,

aparecerá segunda vez, sem a aparência do pecado, para dar a salvação àqueles que O esperam”.

Como vicentinos somos chamados a ser caridosos. Sim, a doar o que temos de mais valioso em nossa vida: o nosso tempo para a visita ao assistido. Nos dias de hoje, com tantas opções de uma vida corrida, o tempo é o nosso maior bem: ele vale mais para nós do que valem as “duas moedas” que a viúva pobre do Evangelho depositou no templo. Mas Cristo nos pede que doemos o nosso maior bem, o tempo, pela virtude da fé: a fé de que estamos visitando o Pobre em nome do Senhor. São Vicente chamava os Pobres de nossos Senhores e Mestres. Então, a nossa fé deve ser tão forte que nos faça seguros de que visitamos o nosso “Senhor”, em nome do nosso Senhor Jesus. Nosso tempo, nossas duas moedas, que valem muito para nós, valem muito mais para o Pobre, tanto porque O ajudamos materialmente, quanto (e muito mais) porque levamos a Ele a certeza de nossa fé, uma fé contagiante, transformadora e divina (de tão humana que é).

Semana de 12 de novembro de 2018 (referência: leituras do domingo 18 de novembro)

33º. Domingo do Tempo Comum

Leituras: Dan 12,1-3; Heb 10,11-14.18; Mc 13,24-32

“Assim também, quando virdes acontecer estas coisas, sabei que o Filho do homem está perto, está mesmo à porta”.

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

“Naqueles dias, depois de uma grande aflição, o sol escurecerá e a lua não dará a sua claridade; as estrelas cairão do céu e as forças que há nos céus serão abaladas.

Então, hão de ver o Filho do homem vir sobre as nuvens, com grande poder e glória.

Ele mandará os Anjos, para reunir os seus eleitos dos quatro pontos cardeais,

da extremidade da terra à extremidade do céu.

Aprendei a parábola da figueira: quando os seus ramos ficam tenros e brotam as folhas, sabeis que o Verão está próximo.

Assim também, quando virdes acontecer estas coisas,

sabei que o Filho do homem está perto, está mesmo à porta.

Em verdade vos digo: Não passará esta geração sem que tudo isto aconteça.

Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão.

Quanto a esse dia e a essa hora, ninguém os conhece:

nem os Anjos do Céu, nem o Filho; só o Pai”.

REFLEXÃO VICENTINA

Evidentemente que as leituras deste domingo falam sobre o final dos tempos, quando Jesus virá novamente e julgará nossas intenções firmes de querer reconhecer a Deus como criador e redentor ou de optar por nossa arrogância de pensar que somos autossuficientes, que somos como deuses donos de nosso passado, nosso presente e de nossos destinos.

Eu gosto muito de olhar para estas leituras do próximo domingo pelo paralelo que elas fazem com os Anjos. Muitas pessoas não acreditam nos Anjos e, de fato, a crença neles requer uma boa dose de abstração, porque foge à nossa compreensão humana.

Os anjos são seres escolhidos por Deus para ajuda-Lo na obra da salvação dos homens. São seres espirituais mais divinos que os homens, mas mais humanos que Deus. A eles, Deus deu em um certo momento, a liberdade. E aos que optaram por Ele, deu o poder para ser Seus servos com missões específicas. As escrituras apresentam, em particular, três funções dos anjos: a proteção contra o mal, a comunicação do reino e o serviço caridoso.

Sem entrar muito nos detalhes da teologia dos anjos, assunto muito interessante, essas três funções são apresentadas nas escrituras nos três arcanjos: São Miguel (protetor contra o demônio, como indica a primeira leitura deste domingo), São Gabriel (o anjo da comunicação que apareceu a Maria anunciando que ela seria a Mãe de Deus) e São Rafael (o anjo da caridade). No Evangelho deste domingo, Jesus apresenta ainda uma outra atribuição dos anjos, como os “agentes de Deus” que virão no final dos tempos para “reunir os seus eleitos dos quatro pontos cardeais, da extremidade da terra à extremidade do céu”.

Como vicentinos, devemos buscar compreender e, por conseguinte, acreditar nos anjos, como nossos protetores, como os que nos anunciam a

mensagem de Deus e, sobretudo, como os que nos motivam a empreender na caridade.

Mas há um outro aspecto dos anjos que o vicentino e a vicentina devem considerar: a vontade de sermos nós mesmos anjos de Deus. Deus nos convida a proteger os Pobres das injustiças. Deus nos convida a comunicar o Evangelho (evangelizar) com nossas palavras e com nossos exemplos. E Deus nos convida a semear o amor no mais profundo sentido, no serviço aos irmãos, em particular aos Pobres.

Não é uma belíssima missão, buscar ser o Anjo do Senhor?

Semana de 19 de novembro de 2018 (referência: leituras do domingo 25 de novembro)

34º. Domingo do Tempo Comum – Solenidade de Cristo, Rei do Universo

Leituras: Dan 7,13-14; Ap 1,5-8; Jo 18,33b-37

“É como dizes: sou Rei.

Para isso nasci e vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade.

Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz.”

Leitura do Santo Evangelho segundo São João

Naquele tempo, disse Pilatos a Jesus: «Tu és o Rei dos judeus?»

Jesus respondeu-lhe: «É por ti que o dizes, ou foram outros que te disseram isso de Mim?»

Disse-lhe Pilatos: «Porventura eu sou judeu?

O teu povo e os sumos sacerdotes é que Te entregaram a mim. Que fizeste?»

Jesus respondeu: «O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus guardas lutariam para que Eu não fosse entregue aos judeus.

Mas o meu reino não é daqui».

Disse-lhe Pilatos: «Então, Tu és Rei?»

Jesus respondeu-lhe: «É como dizes: sou Rei.

Para isso nasci e vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade.

Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz».

REFLEXÃO VICENTINA

No próximo domingo, celebraremos a solenidade de Cristo, o Rei do Universo.

A figura dos reis e rainhas existe desde sempre. Associamos esta figura a três características: riqueza, glória e poder. Todo o rei é rico e deve mostrar que é rico. Todo o rei aparece cheio de fama, de glória, para que todos o reconheçam como tal. E todo o rei, de alguma forma tem o poder de governar ou de definir/aprovar governantes.

Por isso, todas as pessoas querem de alguma forma ser reis ou rainhas. Pode ser o rei da empresa, o rei da SSVP, o rei da comunidade paroquial, o rei da cidade ou do país. Realmente, ser rei faz bem ao nosso ego, ao nosso ser humano.

Jesus é o Rei do Universo, porque é Filho de Deus, o criador e redentor de todos e de todas as coisas. E Ele não nega que é Rei: em frete a Pilatos e, sabendo que o desafiaria, diz com força que “eu sou Rei!” Mas rapidamente corrige: “meu reino não é deste mundo”, senão Eu estaria cercado de riqueza, de glória e de poder. Ele é o Rei do Reino de Deus, o “Alfa e o Ômega”, como diz a segunda leitura, ou seja, o princípio e o fim. O Reino de Deus é comparado a muitas coisas nas escrituras: a um grão de mostarda, a uma pérola preciosa, a um tesouro. É o Reino do Amor e, para participar dele, devemos amar a Deus, a nós e ao próximo. É uma fórmula simples!

Como Jesus diz, é o Reino da Verdade, a verdade que liberta, não é a verdade que oprime e nos faz súditos de alguma estrutura de poder. A riqueza do Reino de Jesus é encontrar uma pérola – descobrir esta Verdade – e vender tudo o que tem para compra-la. A glória do Reino de Jesus é a intenção de ser reconhecido por Deus como um filho ou uma filha amada. E o poder do Reino de Jesus é a capacidade de amar, amar sempre, amar a todos.

A proximidade do Pobre, o “Mestre”, faz com que o vicentino descubra esta Verdade a cada visita. Ir ao encontro do Pobre é como encontrar uma pérola, um tesouro, que nos transforma. Ir ao encontro do Pobre é a certeza do reconhecimento por Deus de sermos Seus anjos, Seus mensageiros. Ir ao encontro do Pobre é também o poder – dado pelo próprio Deus, de melhorar vidas, transformar corações e empreender na justiça.

Se Jesus tivesse sido um rei deste mundo, já teria sido esquecido, como tantos outros que passaram pela história da salvação. O que O fez eterno foi exatamente ser o Rei do mundo da Verdade única e divina. A mesma realza eterna, única e divina tem o vicentino que opta livremente por viver esta Verdade, junto ao Pobre.

Semana de 26 de novembro de 2018 (referência: leituras do domingo 2 de dezembro)

1º. Domingo Advento

Leituras: Jer 33,14-16; 1 Tes 3,12-4,2; Lc 21,25-28.34-36

“Vigiai e orai em todo o tempo, para que possais livrar-vos de tudo o que vai acontecer e comparecer diante do Filho do homem.”

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

«Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas e, na terra, angústia entre as nações,

aterradas com o rugido e a agitação do mar.

Os homens morrerão de pavor, na expectativa do que vai suceder ao universo,

pois as forças celestes serão abaladas.

Então, hão de ver o Filho do homem vir numa nuvem, com grande poder e glória.

Quando estas coisas começarem a acontecer, erguei-vos e levantai a cabeça,

porque a vossa libertação está próxima.

Tende cuidado convosco, não suceda que os vossos corações se tomem pesados

pela intemperança, a embriaguez e as preocupações da vida,

e esse dia não vos surpreenda subitamente como uma armadilha,

pois ele atingirá todos os que habitam a face da terra.

Portanto, vigiai e orai em todo o tempo, para que possais livrar-vos de tudo o que vai acontecer e comparecer diante do Filho do homem».

REFLEXÃO VICENTINA

O próximo domingo é o primeiro do tempo do Advento. Advento significa “vinda” ou “chegada”. Portanto, é o período de preparação para a vinda (nascimento) do Senhor, o Natal.

O Evangelho de São Lucas apresenta uma descrição da cena do final do mundo, o que se chama de “parusia”. É uma cena assustadora, cheia de catástrofes. Aliás, o Evangelho não trata somente do final do mundo. Quantas vezes passamos pela “parusia” aqui mesmo na nossa vida terrena! Vêm as doenças, a perda do emprego, a perda da autoestima, as traições dos amigos, as catástrofes naturais em que perdemos tudo... tudo isso é o fim do mundo.

O mesmo Evangelho nos dá a indicação do que devemos fazer para estar preparados para estes eventos e, em especial, para a vinda do Senhor: “vigiai e orai em todo o tempo, para que possais livrar-vos de tudo o que vai acontecer e comparecer diante do Filho do homem”. Se vigiarmos e orarmos, não seremos impactados por este fim catastrófico, e sempre estaremos livres do perigo. Se vigiarmos e orarmos, estaremos junto de Cristo e, portanto, como diz a primeira leitura (do Livro do Profeta Jeremias), estaremos “em segurança”. Pode vir a tempestade, a dor e a perda, porque sempre nos recuperaremos com a esperança no Senhor.

Orar parece fácil de compreender. Mas o que significa “vigiar”? O vigia não pode dormir, tem que ficar atento todo o tempo para não deixar que nada aconteça a quem ou ao que ele está vigiando. O

bom vigia sabe que ações tomar, se aparecer algum incidente, algum perigo. Assim devemos ser: vigias de nossa própria vida, tomando cuidado, sempre prontos a tomar a decisão pelo bem, a optar por Deus.

Mas a leitura deste domingo que mais descreve o vicentino é a segunda (da Carta aos Tessalonicenses). Em forma de oração, São Paulo pede ao Senhor que nos faça viver na caridade com todos e na santidade. E nos pede que nunca deixemos de progredir na caridade e na santidade, ou seja, que nunca fiquemos cômodos, pensando que, porque já estamos salvos, não necessitamos estar preparados, vigiando e orando. Acho que São Paulo, nesta leitura, definiu a vocação vicentina, 1600 anos antes de ser proposta por São Vicente e 1800 anos antes de ser proposta por Ozanam e seus amigos.

O vicentino que exerce a caridade na visita ao assistido, que ora insistentemente e que vigia a própria vida, constantemente, buscando a sua santificação e dos que o cercam não tem medo do fim do mundo, da segunda vinda do Senhor. Também estará bem preparado para celebrar o nascimento do Menino Jesus de forma santa. Não há o que temer!

Semana de 3 de dezembro de 2018 (referência: leituras do domingo 9 de dezembro)

Segundo Domingo do Advento

Leituras: Bar 5,1-9; Filip 1,4-6.8-11; Lc 3,1-6

“Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.”

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

No décimo quinto ano do reinado do imperador Tibério,

quando Poncio Pilatos era governador da Judeia, Herodes tetrarca da Galileia,

seu irmão Filipe tetrarca da região da Itureia e Traconítide e Lisânias tetrarca de Abilene,

no pontificado de Anás e Caifás, foi dirigida a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto.

E ele percorreu toda a zona do rio Jordão, pregando um batismo de penitência

para a remissão dos pecados, como está escrito no livro dos oráculos do profeta Isaías:

«Uma voz clama no deserto: ‘Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.

Sejam alteados todos os vales e abatidos os montes e as colinas;

endireitem-se os caminhos tortuosos e aplanem-se as veredas escarpadas;

e toda a criatura verá a salvação de Deus’».

REFLEXÃO VICENTINA

Este domingo, celebramos o segundo do tem-

po do Advento, ou seja, da preparação para o nascimento de Cristo. O tema deste domingo no sentido desta preparação é a nossa conversão.

O Evangelho de São Lucas nos apresenta o papel de São João Batista, como o que prepara a chegada do Senhor. Esta preparação do caminho do Senhor é feita “endireitando as suas veredas, preenchendo os vales e abatendo os montes e colinas, endireitando os caminhos tortuosos e aplainando as veredas escarpadas”. É, portanto, uma mensagem para que busquemos eliminar todos os obstáculos que nos impedem de receber o Menino Jesus em nossa vida.

Cada um de nós tem a sua própria vereda a endireitar, conhece os vales que têm que ser aterrados e as colinas que devem ser eliminadas. Portanto, o Advento é um momento de reflexão para descobrir o que temos que melhorar, as coisas que temos que eliminar, as que temos que melhorar e as que temos que reforçar em nossa personalidade, em nosso comportamento. Nossas imperfeições são uma graça de Deus. Já pensou se fôssemos perfeitos? Seríamos robôs, sem nada para melhorar.

É muito interessante como o Evangelho nos diz que João tinha que pregar no deserto. Quantas vezes pregamos no deserto com nossos amigos, nossos filhos, nossos companheiros de trabalho ou de Conferência Vicentina. Quando “pregamos no deserto”, parece que estamos perdendo tempo. Mas é necessário saber que não estamos sós: Deus vai conosco, prega conosco; nossa capacidade é Dele e nossos resultados também são Dele.

Mas, antes de pregar, é necessário que nos convertamos, que reconheçamos que muitas vezes somos nós mesmos o “deserto”, um lugar onde a Palavra de Deus não penetra, não se fixa, mas se deixa levar pelo vento e pela areia. A reflexão do Advento deve servir para que deixemos de ser “desertos” e compreendamos o que Deus quer de nós, o que devemos “endireitar”, para que possamos também nós pregar, evangelizar, viver a Verdade.

Como vicentinos, muitas vezes “pregamos no deserto”, com nossos assistidos. Ficamos frustrados porque eles não se modificam, não melhoram, não lutam pela vida. Será que é justo pedir que o Pobre pense como nós? Será que o que queremos ou pensamos é o correto? Na Carta aos Filipenses deste domingo, São Paulo diz que reza para que a nossa “caridade cresça cada vez mais em ciência e discernimento”. É preciso, sim, ter a ciência para apoiar o Pobre na busca de Sua dignidade, mas ter o discernimento para reconhecer que, “se Ele for deserto e não nos escutar”, é porque Ele é refém de sua própria história, e porque as Suas veredas são mais difíceis de endireitar que as nossas. Aí, é quando se requer o nosso desapego, nossa capacidade de deixar nas mãos de Deus que tem toda a ciência e todo o discernimento.